


**CONTEMPLAÇÃO E COMPROMISSO:
A ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO EM GUSTAVO GUTIÉRREZ**
**CONTEMPLATION AND COMMITMENT:
THE SPIRITUALITY OF LIBERATION IN GUSTAVO GUTIÉRREZ**

Joaquim Jocélio de Sousa Costa¹ 



DOI.ORG/10.57147/ESPACOS.V33I01.925

Recebido em: 29/05/2025
Aprovado em: 07/07/2025

Resumo

O presente texto trata sobre a reflexão do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez acerca da espiritualidade da libertação. Apresenta sua compreensão de espiritualidade a confrontando com diversas formas de espiritualismo, mostrando como é preciso superar uma visão dualista de mundo e como a espiritualidade consiste no seguimento a Jesus por meio da contemplação e do compromisso. Em seguida, fala da experiência do Senhor na realidade latino-americana e na força dos pobres como o poço do qual bebe uma espiritualidade libertadora. Por fim, trata de como melhor exprimir esta experiência espiritual, perguntando como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, da não-pessoa, assumindo a linguagem da gratuidade e da profecia.

Palavras-chave: Espiritualidade. Teologia da Libertação. Gustavo Gutiérrez.

Abstract

This text deals with the reflections of peruvian theologian Gustavo Gutiérrez on the spirituality of liberation. It presents his understanding of spirituality, comparing it with various forms of spiritualism, showing how it is necessary to overcome a dualistic worldview and how spirituality consists of following Jesus through contemplation and commitment. It then speaks of the experience of the Lord in the Latin American reality and the strength of the poor as the well from which a liberating spirituality draws. Finally, it deals with how to best express this spiritual experience, asking how to speak of God from the perspective of the suffering of the innocent, of the non-person, adopting the language of gratuitousness and prophecy.

Keywords: Spirituality. Liberation Theology. Gustavo Gutiérrez.

¹ Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2018) e Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2022). E-mail: joaquimjocelio@gmail.com

Introdução

Na história, algumas figuras se destacam por sua vida e obra, marcando um tempo de uma forma singular. Gustavo Gutiérrez foi uma dessas figuras, tanto pelo seu fazer teológico, quanto por seu testemunho de vida. Ele não foi um “teólogo de gabinete”, escrevendo coisas belas e precisas, mas longe da vida concreta do povo. Ao contrário, foi alguém profundamente engajado na realidade de seu país, o Peru, bem como de toda a América Latina e do mundo. Por isso foi um autêntico teólogo, porque escreveu a partir da vida e viveu conforme ensinou. Ele

não só pertence à primeira geração dos teólogos da libertação, mas foi quem primeiro e melhor esboçou suas linhas e orientações fundamentais, ou, em todo caso, deu nome e projeção a esse movimento amplo e complexo que tem na Conferência de Medellín (preparação, evento, desdobramento) seu marco fundamental (AQUINO JÚNIOR, 2022, p. 180).

Tanto que seu livro de 1971 “Teologia da Libertação: Perspectivas” (GUTIÉRREZ, 2000c), “além de ser um dos principais veículos de difusão dessa teologia, adquiriu um valor simbólico, dando nome a esse movimento teológico e se tornando como que seu marco teórico inicial” (AQUINO JÚNIOR, 2022, p. 180). Gutiérrez sempre presou por um profundo rigor teológico, sem jamais cair em elaborações abstratas desligadas dos apelos do Espírito na história.

Poderíamos escrever sobre vários aspectos da teologia de Gutiérrez, tão rica e diversa. Optamos por um tema que, além de ser transversal em seus escritos, constitui a própria base do que ele entende ser o fazer teológico: a espiritualidade. Não há dúvidas de que “um ponto que sempre volta com ênfase na obra de Gustavo Gutiérrez é a referência a espiritualidade. Nela se encontra a raiz verdadeira da teologia da libertação” (BOFF, 1988, p. 533). Refletir esse tema em Gutiérrez é importante não só para tornar conhecida sua reflexão, mas para ajudar a perceber que a teologia da libertação não é desprovida de espiritualidade nem a põe em segundo plano, como tantas vezes é acusada. Trata-se de compreender devidamente o que é espiritualidade e conhecer como ela sempre foi base da própria teologia da libertação, pois, para ser cristã, a espiritualidade tem que ser libertadora.

A partir do pensamento de Gustavo Gutiérrez, trataremos num primeiro momento sobre a compreensão de espiritualidade, tanto suas distorções, quanto o que realmente a caracteriza. Num segundo momento, apresentaremos a base da espiritualidade, o poço de onde ela bebe e se nutre para ser de fato libertadora. Por fim, refletiremos a linguagem sobre Deus que surge de uma autêntica espiritualidade da libertação.

1 “Nossa metodologia é nossa espiritualidade”

Algo que para Gutiérrez sempre esteve claro é que não é possível separar teologia de espiritualidade. “Toda teologia é uma palavra sobre Deus. Em última instância, Deus é seu único tema”; “com efeito, mais que de saber, Deus é objeto de uma esperança que respeita o mistério” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 16.17). Sendo assim, “na perspectiva da teologia da libertação, afirma-se que inicialmente se deve contemplar a Deus e acolher sua vontade; apenas em um segundo momento se pensa a respeito dele”, isto é, “só a partir da prática (contemplação e compromisso) é possível elaborar um discurso autêntico e respeitoso sobre Deus” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 18). A reflexão teológica é sempre reflexão *de* ou *sobre* Deus, mas não em abstrato e sim como Ele é experienciado na vida a partir da oração e da prática de sua vontade. O pensar a fé (teologia) não está separado do viver a fé (espiritualidade). Veremos melhor, com Gutiérrez, como isso nem sempre foi entendido assim, quais as razões para isso e como compreender corretamente a espiritualidade para assumi-la conseqüentemente.

1.1 Espiritualidade e espiritualismo

Seja para defender, seja para criticar, a espiritualidade é confundida com uma fuga do mundo ou aversão ao que é material (espiritual vs material), uma identificação quase exclusiva com momentos de oração (“manhã de espiritualidade”, “momento de mística”). Até pessoas e grupos profundamente comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna dizem frases como “a Igreja não pode só se preocupar com o espiritual, é preciso cuidar da justiça social também”. Essas posturas só confirmam uma compreensão do que seja espiritualidade, do que constitua algo como espiritual que, na verdade, poderia ser denominado muito mais como espiritualismo. Algo bem diferente de uma autêntica espiritualidade. Mas existem outras distorções sobre o assunto.

Gutiérrez explica como, por muito tempo, espiritualidade foi vista tanto como algo para minorias que conseguem se afastar de tarefas e ritmos diários das pessoas comuns (padres, freiras, monges...), como algo que está voltado apenas para a vida interior de cada pessoa (perspectiva individualista) (Cf. GUTIÉRREZ, 2000b, p. 24-29). Tais visões sobre a espiritualidade precisam ser superadas, pois a distorcem e a corrompem. A espiritualidade “é uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o Evangelho. Uma maneira precisa de viver ‘diante do Senhor’ em solidariedade com todos os seres humanos, ‘com o Senhor’ e diante deles” (GUTIÉRREZ, 2000c, p. 260).

Por isso também “a espiritualidade não se restringe aos aspectos chamados religiosos: a oração, o culto” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 109). Reduzir espiritualidade à oração, à santidade individualista de uns poucos ou ao afastamento da realidade constitui, na verdade, o espiritualismo. Nesse sentido, também é um equívoco achar que a teologia, o pensar a fé, só é espiritual quando estuda a vida dos santos, escritos sobre

a santidade ou mesmo quando se reza antes de estudar ou pregar. A ligação teologia e espiritualidade é muito mais radical.

Para ajudar a entender isso, Gutiérrez recorda como os primeiros cristãos eram chamados de “seguidores do Caminho” (Cf. At 9,2; 19,9.23; 22,24; 24,14.22), afinal, o próprio Jesus disse “eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Seguir Jesus, razão de ser do cristão, é seguir O Caminho. A palavra grega *hodós* usada nesses textos do Novo Testamento significa tanto *caminho* quanto *conduta*. Portanto, é não só via/estrada, mas modo de vida, jeito de proceder. Aqui está o ponto fundamental. O cristão não vive de qualquer jeito, mas segundo o jeito de Jesus. Para isso, ele deve viver segundo o Espírito, pois o Mestre já afirmou que “o Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome... Vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26). Esse modo de vida novo, essa nova conduta é viver segundo o Espírito nos passos de Jesus, isso é espiritualidade.

Por isso que “a espiritualidade precede a teologia, como primeiro ato do silêncio de Deus e da práxis. Além disso, a espiritualidade prolonga a teologia, conferindo-lhe maior consistência e evangelicidade” (LIBANIO, 2004, p. 37). Primeiro se silencia diante de Deus e se assume o caminho de Jesus; depois se pensa/se reflete sobre ele. “O caminho para ser cristão é o fundamento da direção que se toma para fazer teologia. Por isso pode-se dizer que nossa metodologia é nossa espiritualidade (ou seja, um modo de ser cristão)” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 20). Metodologia está ligada ao caminho trilhado num estudo, numa reflexão. Para nós, esse caminho é antes de tudo a vida segundo o Espírito, pois antes de conteúdos e doutrinas, se pensa a vida cristã; por isso, com Gutiérrez, podemos repetir que “nossa metodologia é nossa espiritualidade”.

De fato, “a teologia nasceu como hermenêutica da Santidade. Da Santidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo manifestadas na humanidade chamada a participar dessa santidade” (MORO, 2016, p. 14). Pensa-se a fé a partir da sua vivência. Por isso, toda teologia necessariamente deve ser espiritual, se se pretende ser teologia cristã. “A espiritualidade não é uma província da teologia. Ela é a maneira de a teologia ser cristã” (MORO, 2016, p. 15). Seu ponto de partida é a vida vivida segundo o jeito do Cristo na força do Espírito Santo, ou seja, a santidade.

“O ponto de partida do caminho espiritual está localizado em uma ruptura, uma saída” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 105). Desse modo, “a experiência espiritual é, assim, uma experiência ‘exodal’, uma experiência de saída ou de trânsito, pascal” (MORO, 2016, p. 15). É uma saída de si para encontrar Cristo nos irmãos e irmãs, amá-los e servi-los. Por essa razão, “o espiritualismo é uma malformação da espiritualidade que o torna incapaz de qualquer relação com a teologia” (MORO, 2016, p. 16), pois “a necessidade de evasão que o espiritualismo anseia faz com que ele procure uma saída, não a páscoa do próprio amor, querer e interesse, mas uma saída de qualquer situação de compromisso com o outro humano” (MORO, 2016, p. 17). Não é uma saída exodal, mas uma escapatória da missão para dentro de si e do seu mundinho imaginário onde é possível seguir Jesus sem viver seu amor aos irmãos e irmãs. Mas para entender e viver

bem a espiritualidade, é preciso também identificar e superar aquilo que a distorce e corrompe.

1.2 Caminhar sob o domínio do Espírito: superar os dualismos

Uma das razões que historicamente levaram e leva a reduzir espiritualidade ao espiritualismo é uma mentalidade dualista, ou seja, uma compreensão que divide a realidade em partes que podem estar até unidas, mas são bem diferentes; às vezes vistas até como opostas. Essa compreensão dualista nos vem em boa medida da cultura grega e sua maneira de compreender o mundo. Temos muitos dualismos mais ou menos relacionados (corpo vs alma; material vs espiritual; natureza vs história). Essa forma de ver o mundo é tão forte que atinge até nossa maneira de ler e interpretar a Escritura. Por isso acabamos entendendo numa visão dualista textos que, na verdade, não o são. A Escritura tem sua origem na cultura judaica que tinha uma visão unitária do mundo, ou seja, não via a realidade separada em partes independentes, mas apenas entendia que a mesma é formada por aspectos/dimensões distintas, mas inseparáveis e incompreensíveis umas sem as outras.

Por isso, na tentativa de superar uma interpretação dualista da Escritura, Gutiérrez analisa, a partir dos escritos paulinos, certos termos que são usados para propagar um espiritualismo que nada tem a ver com espiritualidade. É verdade que Paulo escreveu suas cartas em grego e era um judeu que cresceu na diáspora, ou seja, fora de Israel, num ambiente de cultura grega. Mas “deve-se dizer que seu pensamento não se deixou penetrar, em profundidade, pela cultura filosófica grega. As grandes estruturas mentais que sustentam sua construção teológica são de matriz bíblica e judaica” (BARBAGLIO, 1989, p. 16). Por isso, é possível dizer que “embora maneje o grego com facilidade, como sua língua materna, parece às vezes que ele pensa em aramaico” (HARRINGTON, 1985, p. 503), isto é, na língua do povo de Israel. Portanto, termos em suas cartas que são interpretados de forma dualista foram entendidos por Paulo de forma bem diferente, devido sua raiz cultural judaica.

Um primeiro termo que pode levar a compreensões erradas sobre espiritualidade é o termo *carne*: “Os que vivem segundo a carne aspiram ao que é carnal, mas os que vivem segundo o Espírito, ao que é espiritual” (Rm 8,5); “a carne, de fato, tem desejos contrários ao Espírito, e o Espírito, contrários à carne. Eles se opõem reciprocamente, a fim de que não façais tudo o que desejais” (Gl 5,17).

Carne, como explica Gutiérrez, pode ter o sentido de condição humana (ser pessoa), o sentido de fraqueza (fragilidade) ou o sentido de potência de morte (pecado). No primeiro sentido, “Trata-se do ser humano, em sua condição de criatura material, corporal, carnal”, isso porque “na mentalidade semita a carne é um elemento de solidariedade humana, de vínculo terrestre. Ser da mesma carne significa pertencer à mesma raça, ao mesmo povo, em última instância à mesma família humana” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 75). Podemos ver isso várias vezes nas cartas paulinas, onde o

termo *carne* poderia ser substituído por *pessoa*: “nenhuma carne será justificada” (Gl 2,15); “a fim de que nenhuma carne se vangloriasse diante de Deus” (1Cor 1,29); “de fato, tendo chegado a Macedônia, nossa carne não teve repouso” (2Cor 7,5); “diante dele, nenhuma carne será justificada pelas obras da lei” (Rm 3,20).

De outro modo, “a carne exprime também aspectos da fragilidade e da mortalidade que marcam certa distância e diferença com relação a Deus e a seu poder”; assim “‘segundo a carne’ será usado no sentido de comportar-se seguindo critérios puramente humanos, marcados pelas ambiguidades aludidas” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 75.76). Por exemplo: “Falo humanamente, por causa da fraqueza de vossa carne” (Rm 6,19); “vede, irmãos, entre vós os chamados: não há muitos sábios segundo a carne” (1Cor 1,26); “... para que também a vida de Jesus seja manifestada em nossa carne mortal” (2Cor 4,11); “por uma fraqueza da carne, vos anunciei o evangelho antecipadamente” (Gl 4,13).

Por fim, “Paulo vinculará a carne ao pecado, à lei e, definitivamente, à morte” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 76). Por isso, “depositar a confiança em Deus e agir em consequência é, para Paulo, ser ‘espiritual’. Entregar a vida ao que não é Deus e fazer de si mesmo a norma suprema de conduta é agir ‘carnalmente’, o que significa comportar-se pecadoramente” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 76). Assim, é preciso entender que “a terminologia carnal, em Paulo, não se refere a uma *parte*, mas à totalidade do ser humano” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 77). Paulo chega a fazer um catálogo com algumas obras da carne: “imoralidade sexual, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, hostilidades, rivalidade, ciúme, explosões de raiva, intrigas, discórdias, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e outras coisas semelhantes” (Gl 5,19-21). Como é possível observar, não são apenas de caráter sexual como se costuma interpretar o que “vem da carne”. Nesse sentido, é carnal não simplesmente o que se liga ao sexo ou mesmo o que se liga a diversões e atividades normais do dia a dia, mas aquilo que no dia a dia se opõe ao projeto de Deus. Para entender melhor isso, é preciso analisar o que Paulo chama de espiritual.

Gutiérrez nos recorda que “o termo *espírito* (latim: *spiritus*; grego: *pneuma*; hebraico: *ruah*) vem dos fenômenos naturais como o vento e a respiração dos seres vivos. O vocábulo denota dinamismo, com um matiz de descrição e, até mesmo, de difícil percepção pelos sentidos, de quase invisibilidade” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 79). Assim como o termo *carne*, “em muitos textos de Paulo, *espírito* designa a pessoa humana, não uma parte dele, mas sua totalidade” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 80). Vemos isso, por exemplo em: “deram descanso a meu espírito e ao vosso” (1Cor 16,18), ou seja, “a mim e a vocês”; “não tive descanso em meu espírito, visto que não encontrei meu irmão Tito” (2Cor 2,13), isto é, “eu não descansei”.

O termo espírito também pode ser entendido como o “ser humano considerado globalmente, visto a partir de seu dinamismo, a partir do sopro que move sua conduta. Por isso, *espírito* designa também a atitude tomada pelo ser humano, o eu e suas intenções” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 80). Como quando Paulo escreveu: “não recebestes

um espírito de escravidão voltado novamente para o medo, mas recebestes um espírito de adoção filial, pelo qual clamamos ‘Abba, Pai’” (Rm 8,15). Nessa linha, observa-se que “o dinamismo e a vida expressos na palavra ‘espírito’ se acentuam quando a pessoa humana é considerada sob o ponto de vista da ação de Deus sobre ela” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 80-81): “a manifestação do Espírito é dada a cada um para o bem comum” (1Cor 12,7).

Gutiérrez observa que, ao profundar a análise do termo, percebe-se que, “em última instância, essa força de Deus é o próprio Deus. É o Espírito de Deus que habita em nós (Rm 8,9), é o Espírito de Cristo”, tanto que “para Paulo, essa supremacia do Espírito como fonte de vida é tão forte que, em muitos de seus textos, é impossível saber se o termo espírito designa o ser humano sob a graça ou o próprio Espírito Santo” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 83).

Portanto, para Paulo, espiritual é quem vive segundo o Espírito e “se vivemos pelo Espírito, também sigamos o Espírito” (Gl 5,25), pois “todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14). Paulo também faz um catálogo dos frutos do Espírito: “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, amabilidade, autodomínio” (Gl 5,22-23). Com isso, percebemos que ser espiritual, agir pelo Espírito, não é fugir do mundo, mas viver as realidades cotidianas a partir de Deus. Nesse sentido, um ato sexual, por exemplo, pode ser tanto carnal (expressão de abuso, domínio ou objetificação do outro) quanto espiritual (sinal de amor, doação e acolhida). Mesmo o que alguns podem chamar de oração pode ser carnal (intimista, alienada, com ar de superioridade) ou, como deve ser, pode ser espiritual (aberta, comprometida, transformadora). Nesse sentido, “entre a morte e a vida, entre a carne e o espírito, urge tomar uma decisão”, contudo, tal “escolha não se faz entre o corpo e a alma, opção alheia a Paulo, que não estabelece uma oposição filosófica, mas religiosa, entre carne e espírito. Trata-se da pessoa humana vista em sua integridade” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 90).

1.3 Espiritualidade como caminho no seguimento de Jesus Cristo

Se entendemos que espiritualidade é viver segundo o Espírito, portanto, é um modo de vida que toca a todas as pessoas e todas as dimensões da vida; é preciso destacar que o Espírito que nos guia é o Espírito de Jesus. Portanto, Aquele que recorda/atualiza tudo que Jesus disse (Cf. Jo 14,26). Assim, espiritualidade, explica nosso teólogo, “é um caminhar em liberdade segundo o Espírito de amor e de vida. Essa caminhada tem seu ponto de partida em um encontro com o Senhor. Dá-se aí uma experiência espiritual que faz essa liberdade brotar e lhe dá sentido. O encontro é marcado pela iniciativa divina” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 50).

Sem esse encontro com o Senhor, não há espiritualidade e menos ainda teologia. “O grande princípio hermenêutico da fé, e, portanto, de todo discurso teológico, é Jesus Cristo”, pois “o seguimento de Jesus define o cristão” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 18.21).

Espiritualidade é entendida também em termos de seguimento de Jesus, pois o Espírito busca fazer em nós o que fez na vida de Jesus. Quanto mais estivermos no caminho do Mestre de Nazaré, quanto mais parecidos formos com Jesus, mais espirituais seremos.

“De fato, toda a teologia dos primeiros séculos apresentou-se como uma teologia chamada ‘espiritual’, isto é, uma reflexão feita em função do seguimento do Senhor” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 52). É uma teologia a *partir do* seguimento e *para o* seguimento de Jesus. O Mestre é sempre a referência. Não pode ser cristã uma teologia que não parta do seguimento do Cristo na força do Espírito. Nem o é uma teologia que não ajude a crescer nesse seguimento. Não se faz teologia simplesmente para produzir mais conhecimento, encher bibliotecas ou fazer sermões, mas para nos tornarmos mais parecidos com o Senhor. “Uma reflexão que não ajude a viver segundo o Espírito não é uma teologia cristã. Toda autêntica teologia é uma teologia espiritual. Isso não elimina seu caráter rigoroso e científico. Situa-o” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 52).

Por isso, faz parte da vida espiritual o aspecto da conversão permanente. Isto é, a constante busca de transformação para que sejamos cada vez mais parecidos com Jesus. Se trata de entender que “se, pois, morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele” (Rm 6,8). Ou seja, é preciso deixar morrer em nós aquilo que não é bom para podermos ressuscitar pessoas novas em Cristo. “A conversão evangélica é, de fato, a pedra de toque de toda espiritualidade. Conversão significa radical transformação de nós mesmos; significa pensar, sentir e viver como Cristo presente no ser humano despojado e alienado” (GUTIÉRREZ, 2000c, p. 261).

Espiritualidade é ter os mesmos sentimentos de Jesus (Cf. Fl 2,5; Rm 15,5), é permanecer em seu amor (Cf. Jo 15,9), pois o que identifica um seguidor, uma seguidora de Jesus é a capacidade de se amarem como Jesus amou (Cf. Jo 13,34-35); é se deixar guiar pelo Espírito para evangelizar os pobres e libertar os oprimidos como aconteceu com Jesus (Cf. Lc 4,18-19). Porém, é importante insistir que, neste caminho, o primeiro passo não é o discurso/a reflexão, mas o silêncio diante de Deus, ouvindo sua voz e acolhendo seu amor.

1.4 Contemplação e compromisso

Há quem diga que a teologia da libertação não tem espiritualidade porque a acusam de não rezar. Nesse caso, nem conhecem as profundas experiências de oração das quais bebe essa corrente teológica nem entendem devidamente o que é espiritualidade, pois a identificam sem mais com oração. Outra tendência equivocada acha que, mesmo para os cristãos, as lutas por justiça dispensam momentos de oração, pois “a vida já é oração”. O caminho não é esse, pois “estamos convencidos de que sem louvores a Deus, sem ação de graças por seu amor, sem oração, não existe vida cristã” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 25). A oração é indispensável para se viver segundo o Espírito. “A espiritualidade é mais do que oração somente. De nossa oração, porém,

dependerá fundamentalmente nossa espiritualidade: Para que Deus oremos? A serviço de que causa oremos? Como costumamos orar? Quanta oração fazemos?” (CASALDÁLIGA, 2008, p. 36).

Pode-se dizer que “a oração é uma experiência de gratuidade. Esse ato ‘ocioso’ desse tempo ‘desperdiçado’ lembra-nos que o Senhor está além das categorias do útil e do inútil” (GUTIÉRREZ, 2000c, p. 262). Por isso, antes de qualquer discurso teológico, é preciso ouvir o Senhor. “Antes de se falar *sobre* Deus faz-se mister falar *a* Deus. Antes do falar que é próprio da teologia está o silenciar que é próprio da contemplação e da prática” (BOFF, 1988, p. 534). E aqui está a espiritualidade: contemplação e prática. É preciso silenciar diante de Deus, ter a humildade de reconhecer que não podemos abarcar todo o mistério. Contudo, “este silêncio não é o silêncio dos olhos fechados como em certas místicas antigas e modernas, mas é a mística dos olhos abertos sobre a realidade, mística dos ouvidos atentos ao grito do oprimido e às interpelações de Deus, vindas da história e do sofrimento inocente” (BOFF, 1988, p. 534). Por isso, o silêncio da oração deve nos levar a estar em sintonia e comunhão com a realidade onde estamos inseridos, de modo que os irmãos e irmãs, especialmente os pobres e oprimidos, não estejam longe de nós.

Nesse sentido, “o outro silêncio é o da prática. Aqui falam as mãos mais que os lábios” (BOFF, 1988, p. 534). Portanto, “contemplação e prática se alimentam mutuamente, ambas constituem o momento do silêncio de Deus. Na oração se permanece mudo, simplesmente nos situamos diante do Senhor”, já na prática, “em certo sentido, também se cala; porque no compromisso, no trabalho diário, não estamos falando de Deus todo o tempo; certo é que vivemos dEle, mas não discorrendo sobre Ele” (GUTIÉRREZ, 2014, p. 17). Por isso, na contemplação e ação vivemos nossa espiritualidade. É na oração sincera que nos colocamos a disposição do Senhor para ouvir sua Palavra e viver sua vontade. A espiritualidade não é apenas oração, mas sem oração não há espiritualidade cristã. Sem ouvir o Senhor e elevar a Ele os louvores por seu amor na libertação dos pobres, não há espiritualidade. Contemplando agimos segundo o Espírito e só então refletimos e discursamos.

2 Beber do próprio poço

Depois de compreender o que é a espiritualidade cristã, é preciso mergulhar nas suas fontes, ou seja, o que alimenta, sustenta, nutre a vida segundo o Espírito. Para isso, Gustavo Gutiérrez toma a expressão de São Bernardo de Claraval “beber do próprio poço” para falar da fonte de espiritualidade na América Latina: “Inseridos no processo de libertação do povo latino-americano, vivemos o dom da fé, a esperança e a caridade que nos fazem discípulos do Senhor. Essa experiência é o nosso poço”; e explica que “a água que dele brota nos purifica continuamente, faz-nos eliminar inércias e rugas do nosso modo de ser cristão e, simultaneamente, fornece o elemento vital necessário para fertilizar novas terras” (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 15). Portanto, é na própria realidade de

luta do povo latino-americano que encontramos o Senhor, é nessa realidade que o seguimos e nesse seguimento encarnado está a fonte para vivermos segundo o Espírito. Marca maior dessa realidade é a força dos pobres que crescem na consciência dos seus direitos e lutam por justiça. Neles reconhecemos o próprio Senhor sofredor (Cf. Mt 25,31-46).

2.1 A realidade latino-americana

Já dissemos que a espiritualidade começa com um encontro decisivo com o Senhor. Mas ao Senhor não encontramos de qualquer jeito ou em qualquer situação. “Gutiérrez está profundamente convencido de que as raízes da teologia da libertação, como detalhamos acima, se encontram num encontro forte e decisivo com o Senhor nas grandes coletividades oprimidas” (BOFF, 1988, p. 542). A espiritualidade, portanto, para ser cristã, tem que ser uma espiritualidade libertadora, que esteja comprometida em enfrentar o pecado que desfigura o ser humano, que causa injustiça e desigualdade. Para ser seguimento de Jesus na força do Espírito, a espiritualidade deve nos mover a enfrentar os poderosos como fez Jesus, a ficar do lado dos pobres, a proclamar sua libertação, a fazer a vontade de Deus acontecer no mundo, isto é, seu Reino.

Para entendermos isso, que a experiência com o Senhor na realidade de opressão e injustiça que se vive na América Latina é o poço a partir do qual bebe nossa espiritualidade, é preciso superar outro dualismo tão enraizado na teologia cristã e tão criticado por Gutiérrez. Trata-se da dupla compreensão da história: existe a história da salvação onde Deus age (história sagrada) e a história comum (história profana) onde se insere a humanidade. Nessa visão dualista, é impossível pensar a realidade sofrida do povo como fonte de espiritualidade, pois esta estaria ligada a coisas sagradas e a vida cotidiana não é tida como sagrada, e sim profana. Nosso teólogo defende veementemente que “não há duas histórias, uma profana e outra sagrada, ‘justapostas’ ou ‘estritamente unidas’, mas um só devir humano assumido irreversivelmente por Cristo, Senhor da história” (GUTIÉRREZ, 2000c, p. 204).

Há uma só história onde Deus age. Nela, há expressões de acolhida da vontade do Senhor, ou seja, sinais da graça de Deus; e há expressões de recusa e até oposição a sua vontade, ou seja, sinais de pecado. Mas há uma única história. Nesse sentido, o “crescimento do Reino é um processo que se dá historicamente *na* libertação... Porém não se esgota nela”, assim como “o fato histórico, político, libertador *é* crescimento do Reino, *é* acontecer salvífico, mas não *é* a chegada do Reino, nem *toda* a salvação” (GUTIÉRREZ, 2000c, p. 237). Essas delimitações do autor são muito importantes para não se cair em mal entendidos que geraram tantas confusões. Nenhuma realidade desse mundo, por melhor que seja, se identifica sem mais com o Reino. Contudo, em algumas realidades, podem haver sim sinais do Reino. Até porque, “não qualquer acontecimento histórico (progresso/desenvolvimento) *é* acontecimento salvífico, mas somente aqueles que levam à libertação e à comunhão” (AQUINO JÚNIOR, 2022, p. 193).

Por isso, são infundadas as acusações que alguns lançam contra Gustavo Gutiérrez de que sua teologia reduz o Reino à realidade desse mundo ou sacraliza de tal modo o mundo que não vê nele realidades negativas e de pecado. Tais acusações não se sustentam.

Primeiro, porque ele nunca reduziu a salvação às suas realizações históricas: dá-se na história, mas não se esgota nela. Segundo, porque não qualquer acontecimento histórico é sinal de salvação; o pecado é uma realidade muito mais presente e poderosa do que parece. Terceiro, porque a salvação, como libertação, sendo tarefa humana, é antes de tudo, dom gratuito de Deus em Cristo e no seu Espírito (AQUINO JÚNIOR, 2022, p. 193-194).

Tendo entendido isso, é preciso destacar que, nesse caminho de seguimento a Jesus Cristo em meio a realidade de luta latino-americana, nesta vida segundo o Espírito, ocupam lugar fundamental os pobres. Uma espiritualidade libertadora se entende a partir da experiência com o Senhor na luta dos pobres nos diversos processos de libertação.

2.2 A força dos pobres

Para Gustavo Gutiérrez, a opção preferencial pelos pobres “é também, e em primeiro lugar, uma *caminhada espiritual* no sentido forte da expressão... Se não se alcança esse nível de espiritualidade, o do seguimento de Jesus... não se percebe o alcance e a fecundidade de tal opção” (GUTIÉRREZ, 1998, p. 16). Isso porque o caminho de Jesus foi marcado pelos pobres.

Jesus nasceu numa pobre manjedoura, teve pobres pastores como visitantes; cresceu na periferia de Nazaré na Galileia, conviveu com grupos excluídos, chamou simples pescadores para ser seus discípulos, anunciou o Reino que é dos pobres (Cf. Lc 6,20; Mt 5,3); identificou-se com eles (Cf. Mt 25,31-46) e ainda afirmou que a participação no Reino depende do que fizermos aos sofredores caídos no caminho (Cf. Lc 10,25-37). Desse modo, se espiritualidade é seguimento de Jesus e o caminho de Jesus esteve intimamente ligado aos pobres, a verdadeira espiritualidade cristã só é libertadora se partir dos pobres.

Como lembra nosso teólogo, “ser pobre é também uma maneira de sentir e de conhecer, de raciocinar, de fazer amigos, de amar, de crer, de sofrer, de celebrar e de orar” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 25). Nos pobres, o Senhor se dá a nós de um modo especial. Deus quis que os mistérios do Reino fossem escondidos aos sábios e entendidos e fossem revelados aos simples (Cf. Mt 11,25-26; Lc 10,21). Desse modo, a espiritualidade cristã não se entende sem nos colocarmos também como aprendizes dos pobres, pois ao contrário do que geralmente se pensa, eles têm muito a nos ensinar. Seu

modo de organização social enfrentando tantos projetos de morte, sua resiliência em meio aos desafios; sua alegria diante da dor... Tudo isso é fonte espiritual para nós.

Contudo, Gutiérrez não deixa de chamar atenção para uma triste contradição em nosso continente: “o povo pobre que irrompe em nossa história é ao mesmo tempo oprimido e cristão... São dois aspectos, opressão e cristianismo, de um único povo. Isso significa que não se pode, como alguns pretendem, levar em conta um aspecto sem relacioná-lo com outro”, isso porque “o caráter cristão do povo latino-americano está marcado pela condição de opressão em que vive” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 23).

Como pode um continente majoritariamente cristão ser ao mesmo tempo marcado por tanta injustiça, desigualdade e opressão? Se nesta realidade vivemos a fé, a esperança e a caridade, ou seja, o seguimento de Jesus Cristo, caminhando com os pobres e envolvidos no seu processo de libertação... Como falar de Deus a partir desse chão? Se a teologia é um ato segundo, vem depois da experiência espiritual e ao mesmo tempo conduz a ela, que reflexão podemos fazer que seja consequente com uma espiritualidade da libertação?

3 Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente

Esse é para Gustavo Gutiérrez o ponto mais importante quando se trata da elaboração do discurso teológico. Na Europa, depois de tantas revoluções e do avanço do pensamento moderno, até de certo racionalismo, a pergunta que preocupava os teólogos era “como falar de Deus num mundo que se tornou adulto?” ou “como falar de Deus para o não-crente?”. Partindo da realidade de sofrimento e resistência na América Latina e em outros lugares do mundo, Gutiérrez entende que a pergunta é outra. É como falar de Deus olhando a vida das vítimas, dos oprimidos, dos inocentes. Embora essa perspectiva perpassasse toda sua teologia, ele a desenvolveu melhor na obra “Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente” (GUTIÉRREZ, 2014); uma reflexão que faz estudando e comentando o livro de Jó. Em tal obra, não há uma explicação para o sofrimento, mas um novo olhar para o mesmo, rompendo uma fé individualista e interesseira e se abrindo à profecia e à gratuidade.

3.1 Falar de Deus a partir da não-pessoa

O problema na América Latina não é o ateísmo ou a falta de religiosidade, tão presente na Europa. Nosso continente é profundamente religioso. O problema, como já esboçado no final do tópico anterior, é que em nossa terra convive a profunda religiosidade com a profunda opressão. E isso não está certo. “Em um continente como a América Latina, entretanto, o desafio não vem em primeiro lugar do não-crente, e sim da ‘não-pessoa’”, em outras palavras, “daquele que não é reconhecido como pessoa pela ordem social existente: o pobre, o explorado, aquele que é sistemática e legalmente despojado de sua estatura humana, aquele que mal sabe que é um ser humano”

(GUTIÉRREZ, 2000a, p. 22). Assim, a linguagem teológica tem que se preocupar não em expressar a fé diante de quem não crê em Deus, mas diante de quem não é considerado gente, de quem é pisado diariamente, inclusive por tantos que também se dizem crentes no mesmo Deus (ou será num deus diferente?). Por isso é crucial nos perguntarmos:

De que maneira falar de um Deus que se revela como amor em uma realidade marcada pela pobreza e pela opressão? Como falar do Deus da vida a pessoas que sofrem uma morte prematura e injusta? Como reconhecer o dom gratuito de seu amor e de sua justiça a partir do sofrimento do inocente? Com que linguagem dizer aos que não são considerados pessoas que são filhas e filhos de Deus? Estas são as interrogações fontais da teologia que surge na América Latina, e sem dúvida também em outros lugares do mundo em que se vivem situações semelhantes (GUTIÉRREZ, 2014, p. 19).

A linguagem sobre Deus deve buscar responder ao anseio por vida que o povo tem, ela precisa se dar a partir dos oprimidos e em vista da libertação. A reflexão sobre a fé e a vida segundo o Espírito de Jesus estão intimamente unidas. Logo, a reflexão a partir da ação libertadora de Jesus deve ser igualmente libertadora. Por isso, a espiritualidade da libertação é a base de uma teologia da libertação. Isso significa que a fé pensada deve partir da vida desse povo sofrido e ser resposta/remédio para ela.

O lugar do teólogo é no meio do povo, sentindo suas dores, encarando a realidade como ela é, sem a maquiagem. A partir da sua espiritualidade, da vivência do seguimento em meio às lutas e dores do povo, o teólogo pensa a fé e com sua reflexão pode oferecer resposta, bálsamos, remédios que busquem curar. É para transformar o mundo, para fazer a vontade de Deus acontecer (seu reinado) que se faz teologia.

3.2 Cantar e libertar: gratuidade e profecia

Ao analisar o livro de Jó, Gustavo Gutiérrez nos ajuda a perceber como as respostas dos amigos de Jó ao sofrimento do amigo estavam condicionadas por uma religiosidade interesseira que compreendia a ação de Deus como prêmio para os bons e castigo para os maus. Nessa concepção, se Jó estava sofrendo, ele não era inocente, só poderia ter cometido algum pecado. Jó não acredita nisso e defende até o fim sua inocência. Mas Jó também não tinha entendido ainda a gratuidade. Ele só aceitaria a Deus, caso Ele o livrasse do sofrimento. Além disso, estava fechado em si mesmo e não pensava em mais ninguém.

Ao longo do livro, Jó vai percebendo que precisa olhar além do seu próprio sofrimento, que era preciso enxergar os irmãos e irmãs, especialmente os pobres. Depois do seu diálogo com Deus (Jó 38-42), Jó se cala diante do Senhor e aprende o caminho da gratuidade. Não compreende a complexidade da criação, mas põe sua

confiança em Deus. Eis o nosso caminho hoje. “Trata-se de falar de Deus, como no livro de Jó, a partir do sofrimento do inocente”, ou seja, com contemplação e profecia. “A linguagem da contemplação reconhece que tudo vem do amor gratuito do Pai. A linguagem da profecia denuncia a situação – e suas causas estruturais – de injustiça e espoliação em que vivem os pobres da América Latina” (GUTIÉRREZ, 2000a, p. 31).

Aprendemos essas duas linguagens sobre Deus no livro de Jó: gratuidade e profecia. A gratuidade é o louvor, a oração que rendemos a Deus por tantas maravilhas que Ele nos fez, por sempre nos acompanhar nas lutas e nos fortalecer. Agradecer não porque as coisas aconteceram como queríamos, mas porque Deus é sempre bom. Por isso, “além da conversão, outro traço dessa espiritualidade é a gratuidade, no sentido de que a comunhão com o Senhor e com os outros é um dom de Deus. Isto não é um apelo à passividade, mas a uma atitude vigilante” (LIBANIO, 2004, p. 38). Ligada a gratuidade, está a profecia. A busca por superar o egoísmo e olhar para além dos próprios problemas. É o compromisso de transformar o mundo, denunciando o que nega a vontade de Deus, anunciando sua vontade, consolando os tristes e desesperançados.

Gutiérrez traduz essas duas linguagens também em termos de “cantar” e “libertar”: louvor/festa/celebração expressando a gratuidade diante de Deus e a libertação/compromisso/justiça como sinal da profecia. “Cantar e libertar, ação de graças pela libertação do pobre. Contemplar e praticar, gratuidade e justiça. Se trata de um tema central na bíblia (Cf. salmos 69,34-35 e 109,30-31)” (GUTIÉRREZ, 2014, p. 207). Partindo da Escritura, lembra que, para nossa espiritualidade, é essencial a dimensão da alegria, da festa. Mas não qualquer uma. “Nossa alegria é pascal, garantida pelo Espírito (Gl 5,22; 1Tm 1,6; Rm 14,17), passa pelo conflito com os grandes deste mundo e pela cruz para chegar à vida”, justamente “por isso a celebramos no presente recordando a páscoa do Senhor. Recordar Cristo é crer nele. E essa celebração é uma festa (Ap 19,7)” (GUTIÉRREZ, 2000c, p. 264). Cantar e libertar, celebrar e transformar, contemplar e se comprometer. A espiritualidade, a santidade passam por aqui.

Considerações finais

É sempre um desafio escrever sobre o pensamento de alguém tão marcante como Gustavo Gutiérrez. Mais ainda sobre um tema tão crucial para ele como a espiritualidade. Não foi nossa pretensão, neste trabalho, fazer uma apresentação profunda e sistemática de sua reflexão sobre espiritualidade. Mas apenas expor alguns pontos mais relevantes de tão necessária reflexão. Após compreendermos como Gutiérrez nos apresenta a espiritualidade, procuramos apresentar o poço de onde ela bebe e se nutre e qual a linguagem que melhor pode expressá-la.

Percebemos o quão desafiante e necessária é uma espiritualidade da libertação; e como a teologia da libertação não se entende sem a espiritualidade. Gutiérrez não cai em reducionismos nem em radicalismos. A espiritualidade começa no encontro com o

Senhor, contemplando o mistério e assumindo-o na vida. Só depois é possível uma palavra que, por sua vez, sempre deverá ser humilde e voltada para o seguimento do Senhor. A teologia parte da espiritualidade e volta a ela. A razão de ser da teologia é nos ajudar a viver segundo o Espírito de Jesus, a amar como ele amou, a viver como ele viveu, nos comprometendo com os processos de libertação, caminhando com os pobres.

Gustavo Gutiérrez era tão consciente disso que chegou a expressar que sua maior preocupação era antes com a vida do seu povo do que com a continuação de sua teologia: “devo confessar que estou menos preocupado com o interesse ou a sobrevivência da teologia da libertação do que com os sofrimentos e esperanças do povo a que pertencço, e especialmente com a comunicação da experiência e da mensagem de salvação de Jesus Cristo” (GUTIÉRREZ, 1998, p. 66). Aprendamos, pois, com o testemunho desse grande teólogo, pastor e profeta do Reino. Que possamos viver uma autêntica espiritualidade da libertação, seguindo Jesus na força do Espírito na construção de um mundo mais justo e fraterno, sinal do Reino de Deus.

Referências bibliográficas

- A BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2023.
- AQUINO JÚNIOR, F. “Libertação e salvação”: Revisitando “Teologia da Libertação” de Gustavo Gutiérrez 50 anos depois. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 179-197, Jan/Abr., 2022.
- BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo I*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1989. (Coleção Bíblica Loyola)
- BOFF, L. A originalidade da teologia de Gustavo Gutiérrez. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 191, p. 531-543, 1988.
- CASALDÁLIGA, P. *Nossa espiritualidade*. 4ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- GUTIÉRREZ, G. *A verdade vos libertará*: Confrontos. Trad. Gilmar S. Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2000a.
- GUTIÉRREZ, G. *Beber em seu próprio poço*: Itinerário espiritual de um povo. Trad. Yvone M. C. T. da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2000b.
- GUTIÉRREZ, G. *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente*: Una reflexión sobre el libro de Job. Lima: Instituto Bartolomé de Las Casas; Centro de Estudios y Publicaciones, 2014.
- GUTIÉRREZ, G. *Onde dormirão os pobres?* Trad. Maria S. Gonçalves. São Paulo: Paulus, 1998.
- GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*: Perspectivas. Trad. Yvone M. C. T. da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2000c.
- HARRINGTON, W. J. *Chave para a bíblia*: A revelação, a promessa, a realização. Trad. Josué Xavier e Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulus, 1985.
- LIBANIO, J. B. *Gustavo Gutiérrez*. Trad. Silvia D. C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (Coleção Teólogos do Século XX)
- MORO, U. V. “Padecer e saber”. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 48, Sup. 1, p. 13-17, Jan./Abr. 2016.